



DIÁRIO

da Assembleia da República

XVI LEGISLATURA

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (2024-2025)

REUNIÃO PLENÁRIA DE 27 DE MARÇO DE 2024

Presidente: Ex.^{mo} Sr. [António Filipe Gaião Rodrigues](#)

Secretários: Ex.^{mos} Srs. [José de Almeida Cesário](#)
[Palmira Maciel Fernandes da Costa](#)

SUMÁRIO

O Presidente declarou aberta a sessão às 15 horas e 8 minutos.

Procedeu-se à eleição do Presidente da Assembleia da República para a XVI Legislatura, tendo sido propostos como candidatos, pelo PSD, o Deputado José Pedro Aguiar-Branco e, pelo CH, o Deputado Rui Paulo Sousa. O candidato proposto pelo PSD, o Deputado José Pedro Aguiar-Branco, obteve a maioria absoluta dos votos dos Deputados em efetividade de funções.

Posteriormente, o Presidente dirigiu-se à Câmara, agradecendo a sua eleição e desejando a todos as maiores felicidades, tendo anunciado a realização da eleição, na Sala D. Maria, dos Vice-Presidentes, Secretários e Vice-Secretários da Mesa e dos membros do Conselho de Administração da Assembleia da República. Em seguida, usaram da palavra os Deputados [Inês de Sousa Real](#) (PAN), [Nuno Melo](#) (CDS-PP), [Isabel Mendes Lopes](#) (L), [Paula Santos](#) (PCP), [Fabian Figueiredo](#) (BE), [Mariana Leitão](#) (IL),

[André Ventura](#) (CH), [Eurico Brilhante Dias](#) (PS) e [Hugo Soares](#) (PSD), após o que a sessão foi interrompida.

Reaberta a sessão, foram anunciados os resultados das eleições.

Foram eleitos para o Conselho de Administração da Assembleia da República os Deputados [Emídio Guerreiro](#) (PSD), [Eurídice Pereira](#) (PS), [Pedro dos Santos Frazão](#) (CH), [Rui Rocha](#) (IL), [Joana Mortágua](#) (BE), [Alfredo Maia](#) (PCP) e [Rui Tavares](#) (L) — como efetivos — e os Deputados [Gonçalo Valente](#) (PSD), [Pedro Vaz](#) (PS), [Rui Afonso](#) (CH), [Joana Cordeiro](#) (IL), [Fabian Figueiredo](#) (BE), [António Filipe](#) (PCP) e [Paulo Muacho](#) (L) — como suplentes.

Foram ainda eleitos, para Vice-Presidentes, os Deputados [Teresa Morais](#) (PSD), [Marcos Perestrello](#) (PS), [Diogo Pacheco de Amorim](#) (CH) e [Rodrigo Saraiva](#) (IL); para Secretários, os Deputados [Jorge Paulo Oliveira](#) e [Germana Rocha](#) (PSD), [Joana Lima](#) (PS) e [Gabriel Mithá Ribeiro](#) (CH); e, para Vice-Secretários, os Deputados [Sandra Pereira](#) (PSD), [Susana Correia](#) e [Palmira Maciel](#) (PS) e [Filipe Melo](#) (CH).

Depois de felicitar todos os candidatos e todos os Deputados eleitos, o Presidente encerrou a sessão eram 18 horas e 15 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Muito boa tarde, Sr.^{as} Deputadas e Srs. Deputados.

Eram 15 horas e 8 minutos.

Peço aos Srs. Agentes da autoridade o favor de abrirem as galerias.

Vamos então proceder à eleição do Presidente da Assembleia da República. Como sabem, existem duas candidaturas: o Sr. Deputado José Pedro Correia de Aguiar-Branco e o Sr. Deputado Rui Paulo Duque Sousa. Os boletins de voto já estão distribuídos e a Sr.^a Deputada Palmira Maciel vai fazer o favor de iniciar a chamada nominal para procedermos à votação.

Sr.^a Deputada, faça favor.

Procedeu-se à chamada e votação.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado, Sr. Deputado José Cesário.

Creio que todos os Srs. Deputados e as Sr.^{as} Deputadas tiveram oportunidade de votar. Vamos agora, então, proceder ao escrutínio. Peço que deixemos o espaço livre junto à mesa para os escrutinadores poderem trabalhar tranquilamente.

Fazemos uma pausa de 15 minutos e, portanto, retomamos os trabalhos às 15 horas e 55 minutos. Até lá.

Eram 15 horas e 40 minutos.

Srs. Deputados, peço que criem condições para recomeçarmos os nossos trabalhos.

Eram 15 horas e 59 minutos.

Vamos então proceder à leitura da ata da eleição que acabámos de realizar.

«Aos vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, procedeu-se à eleição do Presidente da Assembleia da República, tendo sido apurado o seguinte resultado:

Votantes — 228.

Candidato proposto: José Pedro Correia de Aguiar-Branco — 160 votos a favor.

Candidato proposto: Rui Paulo Duque Sousa — 50 votos.

Votos brancos — 18.

Votos nulos — 0.

Nos termos legais aplicáveis e face ao resultado obtido, declara-se eleito para Presidente da Assembleia da República o candidato José Pedro Correia de Aguiar-Branco.

Para constar se lavrou a presente ata que vai ser devidamente assinada.

Os Deputados Escrutinadores: *José Cesário — Palmira Maciel.*»

Aplausos do PSD e do CDS-PP, de pé, da IL e de alguns Deputados do PS.

Sr. Presidente José Pedro Aguiar-Branco, receba as nossas cordiais saudações e queira, por favor, ocupar o seu lugar.

O Presidente eleito, José Pedro Aguiar-Branco, depois de cumprimentar os líderes de bancada parlamentar dos partidos presentes na Assembleia da República, bem como a Deputada única representante de partido, dirigiu-se à Mesa e foi cumprimentado pelo Presidente em exercício, o qual, após troca de cumprimentos, ocupou o seu lugar na bancada do PCP.

Protestos do CH e contraprotestos do PS.

O Sr. **Gilberto Anjos** (PS): — Acabou o «chegabofe»!

O Sr. **Presidente**: — Sr.^{as} e Srs. Deputados, começo por agradecer ao Sr. Deputado António Filipe a elevada competência, sentido de Estado e dignidade com que conduziu os trabalhos.

Aplausos do PSD, do PS, do BE, do PCP, do L, do PAN e do Deputado do CH André Ventura.

É com muito gosto que recebo esta oportunidade das suas mãos para agora começar a falar.

Sr.^{as} e Srs. Deputados, se alguma coisa o dia de ontem nos ensinou é que não devemos desistir da democracia. Eu não desisto.

Aplausos do PSD e do Deputado do CDS-PP Paulo Núncio.

Por isso mesmo, vou desafiar todos os grupos parlamentares a repensar o Regimento, nomeadamente no que diz respeito às regras da eleição desta Mesa, para que o que aconteceu ontem, e que já tinha acontecido antes, não se volte a repetir — a bem da democracia que aqui estamos a representar.

Aplausos do PSD.

Sr.^{as} e Srs. Deputados, assumo hoje um novo compromisso: o de Presidente da Assembleia da República. Um compromisso de elevada responsabilidade, em que a primeira das competências é representar esta Assembleia, logo, todas e todos os Srs. Deputados. Não deixarei, em algum momento, de o fazer. O voto de cada português, em eleições livres, diretas e universais, deve merecer igual respeito por parte de todos os cidadãos, e mais ainda por parte dos que, como nós, exercem funções políticas de representação dos portugueses.

Acredito na democracia representativa, no seu benefício qualitativo face às várias expressões da democracia direta ou popular ou da dita democracia de opinião. Acredito também que, para que a democracia representativa se possa impor, é fundamental que a ação política dos protagonistas eleitos e a liderança pelo exemplo sejam conduzidos de forma irrepreensível quanto ao sentido de serviço à causa pública.

Sei que não se elege um Presidente da Assembleia para gostar mais ou menos do que é dito neste Plenário, ou por gostar mais ou menos de quem o diz. Sei que não se elege um Presidente da Assembleia da República para protagonizar debates. Sei e aceito a exigência de imparcialidade, equidistância e rigor que todos esperam de mim e compreendo a natureza da função que hoje assumo.

Se é verdade que o Regimento da Assembleia se aplica a 230 Deputados, a lealdade do Presidente da Assembleia da República aplica-se para com todos os 229 Deputados. Por uma razão simples: se não somos capazes de nos entender na casa da democracia, que exemplo estamos a dar para fora?

Aplausos do PSD.

Que esta Mesa que vai ser hoje eleita seja capaz de unir o que as ideologias separam. Que a política não separe o que os eleitores nesta Casa quiseram unir, porque, independentemente dos cenários e das hipóteses, independentemente do que lemos e ouvimos, os portugueses elegeram-nos para aqui estarmos durante quatro anos: os próximos quatro anos. Temos todos de estar à altura dessa expectativa.

Sr.^{as} e Srs. Deputados, vejo, ouço e leio as críticas que são feitas aos políticos e à política: a acusação, feita por muitos, de que somos uma casta à parte do resto do País. De um lado, os políticos; do outro, a chamada sociedade civil.

Ouvimos falar mais de política do que das políticas. Ouvimos mais análises e comentários sobre cenários e hipóteses do que sobre as políticas que aqui se discutem, que aqui se desenham e que aqui se constroem. Esta Casa não é a casa dos cenários e dos comentários; é a casa das políticas que, no concreto, afetam os portugueses.

Aplausos do PSD e de alguns Deputados da IL.

Sei bem do trabalho que aqui é feito. Também sei que o problema é, em grande parte, nosso, de todos nós. Por esta ou por aquela razão em que um aparente ganho de causa imediato e circunstancial de uns, não raras vezes, prejudica a perceção que os portugueses retiram do trabalho de todos.

As comissões parlamentares de inquérito são uma parte importante, mas não podem ser o principal cartão de visita desta Casa. O Parlamento é mais do que isso; o Parlamento é muito mais do que isso.

O Parlamento é o espaço dos debates no Plenário, do trabalho nas comissões parlamentares, das importantes decisões, muitas vezes desconhecidas, que aqui são tomadas e que mudam o dia a dia das pessoas, que mudam a vida das pessoas. O trabalho parlamentar não tem de ser espetacularizado nem tem de ser transformado em programa televisivo.

Aplausos do PSD.

Mas as pessoas têm de saber, mais e melhor, o trabalho sério, estrutural e competente que aqui é efetuado. Nos 50 anos de Abril, mais do que nunca, temos de conseguir mostrar às pessoas o que estamos aqui a fazer em cada momento. Abrir o Parlamento, mostrar o que aqui é feito, como é feito e quando é feito é mais do que uma opção. É um dever, é uma responsabilidade que começa com os Deputados, mas não termina nesta Sala. É uma responsabilidade que desafia todos os que aqui prestam serviço: funcionários parlamentares, forças de segurança, jornalistas, órgãos reguladores, conselhos e comissões. Como cidadão interessado e como Deputado, conheço a excelência e as dificuldades do vosso trabalho e sei que podemos contar com todos. Como Presidente da Assembleia da República, podem contar comigo para que tenham as condições necessárias para responder afirmativamente a este grande desafio que é o de construir uma democracia mais forte.

Uma palavra final aos demais órgãos de soberania, renovando a confiança no percurso de harmonia e respeito mútuos pelos preceitos constitucionais que herdámos de Abril.

Sr.^{as} e Srs. Deputados, termino tomando de empréstimo as palavras de um grande advogado do Porto, homem da cultura, pensador livre e amante da liberdade, tantas e tantas vezes por si manifestada na ação política, Miguel Veiga: «A democracia é de uma magnífica fragilidade.»

A democracia é de uma magnífica fragilidade. Cuidemos dela com a devoção que a sua magnificência e fragilidade exigem.

Aplausos, de pé, do PSD e do CDS-PP.

Vou sugerir um período de 5 minutos para cada um dos grupos parlamentares e para a Sr.^a Deputada única representante de partido poderem usar da palavra. Sugiro 5 minutos a cada um, se estiverem de acordo, e começava pela Sr.^a Deputada Inês de Sousa Real.

A Sr.^a **Inês de Sousa Real** (PAN): — Ex.^{mo} Sr. Presidente, Ex.^{mas} Sr.^{as} e Ex.^{mos} Srs. Deputados: Começo por congratular o Sr. Presidente da Assembleia da República, recentemente eleito, e restante Mesa, desejando um bom mandato, à altura das responsabilidades exigidas pelo contexto político em que vivemos.

Ao Sr. Presidente, digo-lhe que conta com o respeito institucional do PAN, à semelhança daquilo que fizemos ao longo dos mandatos em que tivemos representação nesta Assembleia da República.

O Sr. Presidente é o Presidente de todas as Deputadas e de todos os Deputados, como acabou de mencionar, e é também o garante do respeito pela democracia e pela nossa lei fundamental, e é esse o repto que lhe deixamos, precisamente, daqui, para este mandato.

Damos também as boas-vindas a todos os novos Deputados e a todas as novas Deputadas nesta Assembleia. Àqueles que cessaram as suas funções, damos um cumprimento muito especial pelo serviço que prestaram à democracia, pois estamos todos de empréstimo nestas funções.

Agradeço também às Sr.^{as} e aos Srs. funcionários da Assembleia da República e à comunicação social todo o trabalho que desenvolveram, ao longo deste tempo.

Permitam-me um agradecimento especial, neste momento, a todas as pessoas que votaram no PAN e que garantiram que tivéssemos mais força neste mandato e também que, com a nossa força, possamos continuar a combater as causas que representamos: o combate às alterações climáticas e a defesa de quem não tem

voz, como os animais, e das pessoas mais vulneráveis na nossa sociedade. É pelas pessoas e pelos direitos fundamentais em que acreditamos que continuaremos a trabalhar e, acima de tudo, pelas conquistas de Abril, neste ano em particular, em que celebramos os seus 50 anos.

Não posso, contudo, deixar de lamentar que esta nova Legislatura nos traga grandes desafios, que passam também por retrocessos — retrocessos na igualdade de género, pois vimos ser dado um passo atrás na representação das mulheres neste mesmo Parlamento. Daqui digo a todas as mulheres e à luta feminista que encontrarão sempre uma voz ativa no PAN e nas Deputadas democráticas deste Hemiciclo.

Em segundo lugar, enfrentamos também um claro desafio, no que toca aos direitos humanos e sociais, que demoraram décadas a ser conquistados no nosso País, e não deixa de ser particularmente importante que, nestes últimos dois dias, a Assembleia da República tenha sido capaz de fazer, precisamente, um exercício fundamental: dissemos que a democracia está viva e que não, venha um ou 50 Deputados, não passarão no atentado aos direitos fundamentais da nossa Constituição e às respostas daqueles que estão comprometidos com a democracia.

É por isso mesmo — porque os direitos fundamentais não podem ser moeda de troca — que contam com a responsabilidade do PAN para continuar a trabalhar em soluções e para uma sociedade progressista, mais justa, solidária, empática e inclusiva.

Em terceiro lugar, enfrentamos também um desafio para com os portugueses e as portuguesas, no seu justificado descontentamento de perda de qualidade de vida. Decidiram votar precisamente em forças políticas que põem em causa o progresso civilizacional.

Prometemos e garantimos que, com o PAN, contam com uma alternativa política séria e responsável, construtiva, que deixa de lado o ódio e os preconceitos. Faremos sempre política pela positiva e garantimos que podem contar connosco para colocar as causas que representamos sempre em primeiro lugar, inclusive à frente de interesses político-partidários.

Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, tomamos hoje posse num contexto internacional complexo e em que nos serão exigidas, por parte dos nossos concidadãos, soluções para os problemas que enfrentam e para as suas legítimas expectativas de vida.

Temos de estar à altura das exigências que nos forem colocadas, pelo que relembro as palavras do escritor Erico Veríssimo, que não posso deixar de referir, precisamente numa época de atrocidades, em que temos guerras e injustiças a grassar pelo mundo e em que temos uma perda de qualidade de vida nos nossos concidadãos. Saibamos, pois, acender a nossa lâmpada, como diria Erico Veríssimo, e fazer a luz acender sobre a realidade do nosso mundo, evitando que sobre ela caia a escuridão, propícia sobretudo aos tiranos e também aos populismos antidemocráticos. Se não tivermos uma lâmpada, Sr.^{as} e Srs. Deputados, lembremo-nos de acender o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, precisamente como um sinal de que não desertamos do nosso posto. Esse posto são os lugares desta Assembleia da República, de todos aqueles que assumem um compromisso com a democracia, que assumem um compromisso com o progresso, um compromisso também com a defesa dos direitos humanos e dos direitos fundamentais que, em abril, têm de ser um sinal de progresso e de futuro.

Este é, para o PAN, um lugar das causas que representamos, de valores democráticos, progressistas e a partir do qual procuraremos sempre cuidar das pessoas, defender os animais e proteger a natureza.

Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, termino agradecendo a oportunidade que, uma vez mais, nos foi dada de, em democracia, estarmos aqui, a partir desta bancada, a defender os valores em que acreditamos. É, sem dúvida, um grande privilégio, sobretudo perante aqueles que, no desânimo, sentem que não têm expressão na sua voz.

Saibamos, pois, ao longo desta Legislatura, dure ela o tempo que durar, dar resposta aos anseios e preocupações de todos aqueles que, lá fora, acreditam que é possível uma sociedade melhor, onde possam viver com tempo e qualidade de vida, onde possamos deixar às gerações futuras um planeta mais sadio e onde possamos proteger também os animais.

Muito obrigada, Sr. Presidente. Contará evidentemente com a lealdade institucional do PAN.

Aplausos de Deputados do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Dou a palavra ao Sr. Deputado Nuno Melo, do CDS-PP.

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados: Saúdo o Presidente eleito, o Dr. José Pedro Aguiar-Branco, a quem desejo um bom mandato.

Devo dizer, em começo de conversa, que a Assembleia da República precisa de um Presidente isento, justo e garante da elevação do debate político. Desejo que os próximos anos possam trazer, no Parlamento, junto do País, muito mais elevação no debate político.

Não resisto, nem posso deixar de fazer, neste regresso, depois de um curtíssimo interregno da presença do CDS na Assembleia da República, uma nota sobre a fotografia destes dois dias, porque é uma fotografia, de facto, muito impressionante.

O que tivemos, nestes dois dias, daquela bancada à minha esquerda, à esquerda de quem está a olhar para o Sr. Presidente da Assembleia da República, não foi um exercício de oposição, foi uma tentativa de bloqueio do normal funcionamento das instituições democráticas.

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Oh! Começas bem!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Paulo Portas assumiu!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — O que se viu foi a política transformada em pantomina. O que se viu foi isto: na véspera da eleição, o PSD e a AD (Aliança Democrática) comunicaram que votariam a favor do Presidente José Pedro Aguiar-Branco e de todos os candidatos a vice-presidentes, Chega incluído.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

A razão parece óbvia: tem de se garantir o respeito pelo funcionamento do Hemiciclo. No entanto, no dia da votação, o que vimos? O líder da bancada à minha esquerda, a do Chega,...

A Sr.^a **Rita Matias** (CH): — Quem desmentiu?

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — ... dizer que tinha dado instruções para se votar no Dr. José Pedro Aguiar-Branco. Contados os votos, o que se viu? Que os Deputados do Chega, afinal, votaram em branco. Ou o líder do Chega nunca quis que os Deputados do Chega votassem a favor...

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Em liberdade!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — ... ou o líder do Chega, na verdade, não consegue vincular coisa nenhuma na sua bancada. Seja como for, a isto chama-se «não ter muita consideração pela instituição que representamos e brincar com esta instituição, que se chama Assembleia da República».

Quero também que fique outra coisa clara, no que tem que ver com o CDS,...

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

... porque ontem ouvi falar dos Vice-Presidentes da AD. Vamos cá ver: o que a AD sugeriu não tem nada que ver com acordos; foi uma declaração normal da vida parlamentar, de modo que o Parlamento funcione e a Mesa seja constituída.

Quero dizer o seguinte: para nós, é suficiente o valor da palavra. Para outros, a palavra não tem valor nenhum.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É irrevogável!

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — A palavra é irrevogável!

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — É irrevogável, a palavra!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Ser confiável implica ser consequente. Todos nós vimos ontem aqui quem quis ser inconsequente.

O Sr. **Paulo Nuncio** (CDS-PP): — Muito bem!

Protestos de Deputados do CH.

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Dito isto, Sr. Presidente, quero saudar outra feliz coincidência: no ano em que se vão comemorar 50 anos do 25 de Abril, o CDS volta à Assembleia da República e foi realmente importante, junto da AD, liderada por Luís Montenegro, para a derrota do Partido Socialista.

Risos do Deputado do CH André Ventura.

Isso é importante em democracia, porque a democracia é feita de alternância e, devo dizer, o Partido Socialista merecia estar nos bancos da oposição.

O CDS é um partido fundador da democracia, que não se mede por dois anos de ausência, mede-se, sim, por 50 anos de pertença, de serviços, de valores,...

Protestos do Deputado do PS Pedro Nuno Santos.

... de autarcas, de Deputados, de Eurodeputados, de grupos parlamentares extraordinários e de vários governos patrióticos.

Hoje, a direita social-democrata cristã voltou à Assembleia da República. Continuaremos a ser o que sempre fomos: um partido patriota, humanista e moderado;...

O Sr. **Paulo Nuncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — ... liberais na criação de riqueza, sociais na sua distribuição; personalistas, abertos a espíritos liberais e conservadores.

Lembro, por isso, os líderes de um trajeto que vai fazer 50 anos — não são poucos, são tantos quantos os anos da democracia —:

O Sr. **André Ventura** (CH): — Todos os Deputados!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — ... Freitas do Amaral, Lucas Pires, Adriano Moreira, Manuel Monteiro, Paulo Portas, Ribeiro e Castro, Assunção Cristas e Rodrigues dos Santos.

De nós, Sr.^{as} e Srs. Deputados, não esperem menos do que soluções. Seguramente, em nós, não terão gritaria, terão debate, mas não terão insultos.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, tem de terminar.

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Já acabou!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Com isto termino, Sr. Presidente.

Houve também uma particular evolução, nestes 12 anos. Se bem me lembro, quando saí daqui, em 2009, os Deputados ouviam-se com respeito. Agora, há, pelo menos, uma bancada que não consegue sequer guardar mínimos de silêncio. Não é uma coisa propriamente extraordinária.

Aplausos do CDS-PP e de Deputados do PSD.

Protestos do CH.

Normalmente, evolui-se para melhor.

Vozes do CH: — Não tens ninguém!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Bom, dito isto, Sr. Presidente,...

O Sr. **Presidente:** — Pedia que terminasse, por favor.

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — Termino, Sr. Presidente. Houve quem, sobretudo à esquerda mais extrema, dissesse que a nossa ausência era garantida. Foi uma avaliação precipitada.

Protestos do CH.

As mortes do CDS, de resto, foram sempre excessivas.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Vieram em cima do PSD!

O Sr. **Nuno Melo** (CDS-PP): — E termino com isto mesmo, Sr. Presidente: haverá também hoje, à direita mais extrema, quem diga e pense que são só dois. Verão que aqueles dois valem muito mais do que 50.

Aplausos do CDS-PP e de Deputados do PSD.

Protestos e risos do CH.

O Sr. **Presidente:** — Digamos que, nesta primeira sessão, a benevolência em relação ao tempo será a exceção daquilo que terá de ser, depois durante o mandato. Conto com o rigor de todos os Srs. Deputados, também nessa matéria.

Vamos abrir as votações para a eleição dos Vice-Presidentes, Secretários e Vice-Secretários da Assembleia da República, na Sala D. Maria, a partir de agora, com termo às 17 horas e 15 minutos.

Pedia alguma discricção e algum cuidado e que sejam temperadas as saídas e entradas, por respeito para com todos os oradores.

Dou a palavra à Sr.^a Deputada Isabel Mendes Lopes, do partido Livre, e pedia condições na Sala para ouvirmos a Sr.^a Deputada.

A Sr.^a **Isabel Mendes Lopes** (L): — Sr. Presidente, falarei daqui de baixo, do meu lugar, visto que estou a dirigir-me a si.

Sr. Presidente, Caras Deputadas, Caros Deputados, Caras Concidadãs, Caros Concidadãos nas galerias: muito boa tarde.

Sr. Presidente, queremos desejar-lhe um excelente mandato. Lamentamos a forma como este mandato começou. Não começou da melhor forma. Nós sabemos que o Sr. Presidente é o Presidente de todas as bancadas, de todos os Deputados e de todas as Deputadas e a todos deve tratar por igual.

Vozes do PSD: — Muito bem!

A Sr.^a **Isabel Mendes Lopes** (L): — No entanto, ontem e hoje não foi isso que aconteceu. Durante este período de eleição, o diálogo que houve ontem foi apenas com as quatro bancadas maiores. Hoje, o diálogo foi apenas entre as duas bancadas maiores, excluindo todas as outras bancadas que fazem parte deste Parlamento.

Se há coisa que tem de mudar, de facto, para próximas vezes, não é necessariamente o Regimento, mas uma questão de boas práticas. As boas práticas dizem que o Presidente ou o candidato a Presidente da

Assembleia da República deve, de facto, falar com todas as bancadas parlamentares, deve conhecer todos os líderes parlamentares, todas as líderes parlamentares, e isso é uma questão que, de facto, tem de mudar.

Aplausos do L.

Sabemos que a gestão da Assembleia da República será difícil e ainda não sabemos como é que o Sr. Presidente a fará, porque não nos foi dito. A única certeza que temos é a de que será Presidente até setembro de 2026, esse é o único compromisso que temos da sua parte. Não sabemos como vai gerir a balbúrdia e o ruído que foram características da última Legislatura e que serão, necessariamente, desta também. Não sabemos como vai impedir que Deputados insultem outros Deputados, e isso é fulcral para saber como é que a gestão vai ser feita.

Devo dizer-lhe, Sr. Presidente, que a bancada do Livre não votou em si para Presidente da Assembleia da República, mas terá da nossa parte todo o respeito e toda a lealdade institucional, e desejamos-lhe um excelente mandato, que o será para todos nós.

Sr. Presidente, vivemos num País maravilhoso, com um clima magnífico, com uma localização privilegiada, com uma língua que partilhamos com milhões de pessoas em todo o mundo, com uma revolução que foi a mais bela, conseguindo que Portugal desse um salto de gigante e tivesse um Serviço Nacional de Saúde e uma escola pública que permitiram que Portugal tenha hoje indicadores de saúde e de educação muito diferentes dos de há 50 anos e que país que têm a 4.^a classe tenham filhos com licenciaturas, mestrados, doutoramentos.

Mas a verdade é que este não tem sido um País maravilhoso para todas as pessoas que aqui vivem: não tem sido um País maravilhoso para todas as pessoas que perderam a sua casa, ou que estão em risco de perder a sua casa, que não sabem como é que vão pagar as suas contas no final do mês, que não têm tempo para viver. Não tem sido um País maravilhoso para todas as pessoas que aqui buscam refúgio, mas que depois se veem exploradas, ostracizadas.

Temos de garantir que este País é maravilhoso para todas as pessoas que aqui vivem e todas as pessoas que aqui querem viver.

Aplausos do L.

Sabemos que as pessoas estão inquietas, porque destas eleições saiu o aumento da polarização e do discurso de ódio. As pessoas sabem que essa polarização não fica aqui neste Hemiciclo, mas continua nas ruas, nas famílias, à mesa com os nossos amigos. Essa polarização vem quebrar um respeito mútuo que tem caracterizado Portugal, e esse é um problema que sai destas eleições.

Mas, por outro lado, destas eleições também sai um caminho de diálogo, de respeito e de cuidado uns com os outros, sem mentir, sem enganar. Foi esse caminho que o Livre seguiu e que permitiu que o Livre aumentasse três vezes o seu número de votos e em quatro a sua bancada parlamentar. É esse o caminho que temos de seguir.

Cabe-nos a todos os que aqui estão contarmos qual é a história que sai destas eleições. O primeiro capítulo, de ontem e de hoje, não foi muito feliz, mas mostra muito claramente o que acontece quando contamos com a extrema-direita. Isto também é muito importante a nível de governação — não está aqui o Sr. Primeiro-Ministro indigitado, Luís Montenegro —, sendo um recado para a governação. As palavras são muito importantes e, de facto, o não é não.

O Livre sabe bem que história é que quer escrever para os próximos 50 anos. Daqui faremos uma oposição leal, mas vigorosa, ao Governo que neste momento estaria indigitado. Estaremos aqui a preparar-nos para uma governação progressista e ecologista, que ponha Portugal como um país de alto valor acrescentado, baseado na educação, na formação, no conhecimento, na ciência e numa Europa que se quer democrática, onde ninguém tenha medo de ser quem é, porque a liberdade só existe quando é partilhada e quando não temos medo de sermos quem somos em democracia.

O Sr. **Presidente**: — Pedia-lhe o favor de terminar, Sr.^a Deputada.

A Sr.^a **Isabel Mendes Lopes** (L): — Termino mesmo agora, Sr. Presidente.

A todos os democratas, a todos os ecologistas, a todos os progressistas cá dentro e lá fora, queremos dizer que contem connosco: o Livre está aqui e veio para ficar.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Devo dizer que todos os grupos parlamentares têm uma tolerância de cerca de 1 minuto, em relação ao tempo que estava previsto.

Tem agora a palavra a Sr.^a Deputada Paula Santos, do Partido Comunista Português, para uma intervenção.

A Sr.^a **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados: Neste momento em que inicia as funções de Presidente da Assembleia da República, o que esperamos é que contribua para o bom funcionamento desta Assembleia, que contribua para o respeito e defesa dos valores democráticos e que defenda, cumpra e faça cumprir a Constituição. A intervenção do PCP contará para esses objetivos.

Toda a turbulência em torno da eleição do Presidente da Assembleia da República constituiu um folhetim lamentável. As manobras e dissimulações sobre acordos e desacordos, reais ou virtuais, a que o País ontem assistiu não nos iludem quanto à identificação dos objetivos que unem o conjunto da direita — PSD, CDS, Chega e Iniciativa Liberal —, na sua convergência ao serviço do capital monopolista. Nenhuma gritaria disfarça a verdadeira opção do Chega pela absoluta convergência com a agenda reacionária e retrógrada ao serviço dos grupos económicos, que partilha com a AD e a Iniciativa Liberal.

Estes lamentáveis acontecimentos são da responsabilidade direta da maioria de direita saída das eleições de 10 de março e são também uma trágica expressão daquilo que essa maioria representa. O PCP não deixará que esses acontecimentos lastimáveis nos desviem da preocupação com os problemas dos trabalhadores, do povo e do País, que devem ser o centro das atenções.

Independentemente da procura de resposta para a questão institucional em causa, a eleição da Mesa e do seu Presidente, que tem de ser resolvida no quadro institucional concreto e existente, o PCP demarca-se de toda a construção que, em nome do combate à direita, visa abrir espaço a convergências e acordos entre o PS e o PSD. Essa opção só amplia a base de apoio político institucional à política de direita e aos seus objetivos. A direita e os seus projetos, incluindo os mais reacionários, combatem-se com uma política que dê resposta aos problemas dos trabalhadores e do povo, e não com o «demissionismo» desse combate ou a permissividade em relação a outras expressões da mesma política de direita.

Sr. Presidente, quer no funcionamento institucional da Assembleia da República, quer no debate político, o PCP intervirá com frontalidade, honestidade, seriedade, não deixando de confrontar as opções da política de direita sempre no respeito pelos valores democráticos. O PCP honrará os seus compromissos com a sua ação, intervenção e luta, na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores e do povo; dará voz aos trabalhadores, aos reformados, aos jovens, às mulheres, aos imigrantes, aos pequenos e médios empresários, aos pequenos agricultores e pescadores; trará as suas preocupações e anseios e exigirá do Governo as respostas que são necessárias.

A Assembleia da República inicia os seus trabalhos num momento de lucros recorde para os grupos económicos e de dificuldades para as condições de vida dos portugueses, com salários e pensões baixos, com preços de bens e serviços essenciais que continuam a aumentar todos os dias, com problemas nos serviços públicos.

O PCP assume um firme combate a esta situação, à política de direita e aos projetos reacionários, às injustiças e às desigualdades. Não pactuaremos com o favorecimento dos interesses dos grupos económicos, com a acumulação da riqueza por uma minoria que se apropria da riqueza criada pelos trabalhadores, enquanto uma ampla maioria — quem trabalha, quem trabalhou uma vida inteira — é empurrada para o empobrecimento.

O PCP assume um firme combate à opção de dismantelar as funções sociais do Estado para entregar áreas como a saúde, a educação ou a habitação ao negócio dos grupos privados.

Damos prioridade ao aumento dos salários e das pensões, ao controlo e fixação de preços de bens e serviços essenciais. Nomeadamente, pretendemos o aumento do salário mínimo nacional para 1000 € em

2024 — é agora que se impõe e não daqui a um ano, ou para os próximos anos —, o aumento das pensões em 2024, perfazendo 7,5 % no mínimo de 70 €, e a atualização das pensões de quem se reformou a 1 de janeiro de 2023.

Damos prioridade ao reforço dos serviços públicos. Devemos salvar o SNS (Serviço Nacional de Saúde), através da valorização das carreiras, das remunerações, das garantias, das condições de trabalho dos profissionais de saúde.

Damos prioridade ao acesso a uma habitação condigna, através do alargamento da disponibilização de habitação pública.

Damos prioridade ao investimento na escola pública, para assegurar que os estudantes têm todos os professores. Devemos assegurar a valorização dos trabalhadores da área da educação, assim como a valorização e o reconhecimento dos profissionais da área da justiça, das Forças Armadas, das forças e serviços de segurança, dos bombeiros.

Damos prioridade aos direitos das crianças e dos pais, com a criação de uma rede pública de creches e a garantia da gratuidade da creche a todas as crianças.

O PCP toma a iniciativa, com soluções concretas. Ainda ontem entregámos 10 iniciativas para: aumentar salários e pensões; reforçar o SNS; proteger o direito à habitação; contabilizar o tempo de serviço dos professores e educadores; atribuir o subsídio de missão aos profissionais das forças e serviços de segurança, tendo como referência o montante atribuído à Polícia Judiciária; recomendar que Portugal reconheça o Estado da Palestina.

O Sr. **Presidente**: — Sr.^a Deputada, tem mais 15 segundos de tolerância.

A Sr.^a **Paula Santos** (PCP): — Estou a terminar, Sr. Presidente.

Por mais que incomode alguns, o PCP aqui está, com iniciativa e determinação, a intervir, a avançar, com propostas e soluções, a combater a política de direita, a afirmar uma política alternativa para a melhoria da vida do povo e a projetar os valores de Abril no futuro de Portugal.

Sr. Presidente, permita-me só que refira ainda o seguinte, muito brevemente.

O Sr. **Presidente**: — Não posso, Sr.^a Deputada. Já lhe dei 1 minuto de tolerância, como fiz em relação a todos. Já está com 6 minutos.

A Sr.^a **Paula Santos** (PCP): — Certo, Sr. Presidente. É mesmo muito breve, só para fazer uma referência.

O Sr. **Presidente**: — Tem 1 segundo, Sr.^a Deputada.

A Sr.^a **Paula Santos** (PCP): — Defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República não são palavras de circunstância — constituem mesmo um compromisso com o povo português.

Aplausos do PCP, do Deputado do PS Francisco de Assis e do Deputado do L Paulo Muacho.

O Sr. **Presidente**: — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Fabian Figueiredo, do Bloco de Esquerda.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Sr. Presidente: Cumprimento-o pela sua eleição e, na sua pessoa, saúdo a Assembleia da República eleita.

Da nossa parte, poderá contar com o respeito pelos princípios democráticos e de civilidade que regem esta Casa e com toda a lealdade institucional.

Da sua parte, esperamos uma defesa intransigente da democracia parlamentar, das regras regimentais, da elevação no debate político. Esperamos, sobretudo, que envide todos os esforços para evitar a captura da Assembleia da República pelos jogos de poder de quem se concentra meramente na sua degradação.

Sr. Presidente, a direita é confusão, trapalhadas e barafunda. Não se entendem sequer para a Mesa da Assembleia da República e proporcionam ao País repetidos e pouco edificantes episódios da sua

instabilidade. Não temos dúvidas, no entanto, de que não assistiremos a este lamentável braço de ferro quando chegar a hora de proteger o privilégio dos grandes vencedores da economia da desigualdade. Afinal de contas, é para isso que cá estão.

Os mandatos do Bloco não servirão para alimentar o folhetim parlamentar ou engrossar o coro da vozearia estéril. Por isso, aqui estamos para ser uma oposição determinada a esse regime de privilégio e para apresentar soluções.

Representamos uma esquerda verde e vermelha, uma força de confiança, que garante que os problemas que se arrastam há anos, dos quais o País está manifestamente cansado, são o centro do Parlamento, a começar pela contabilização do tempo de serviço dos professores, pela valorização das carreiras de todos os profissionais de saúde e dos oficiais de justiça, pela garantia do subsídio às forças de segurança, pela redução do IVA (imposto sobre o valor acrescentado) da energia e das telecomunicações, pelo reforço do complemento solidário para idosos, aumentando o seu valor e retirando o rendimento dos filhos na sua atribuição.

Todos os partidos assumiram estes compromissos.

Vozes do BE: — Muito bem!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Este Parlamento deve responder positivamente na hora da verdade.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr.^{as} Deputadas, este deve também ser o tempo em que Portugal passa, de facto, a defender ativamente a solução de dois Estados, reconhecendo o Estado da Palestina, passo essencial para uma paz duradoura no Médio Oriente e para acabar com o genocídio na Faixa de Gaza.

Aplausos do BE, do L e do Deputado do PS Miguel Matos.

Sr. Presidente, termino como comecei: do Bloco, pode contar com lealdade institucional, oposição determinada, empenho na construção de uma alternativa solidária, ecologista e de liberdade. É assim que honraremos os 50 anos do 25 de Abril, toda a gente que por ele lutou e toda a gente que no seu caminho involuntariamente foi semeada. Vamos a isso!

Aplausos do BE e do Deputado do L Paulo Mucho.

O Sr. **Presidente:** — Dou agora a palavra à Sr.^a Deputada Mariana Leitão, da Iniciativa Liberal, para uma intervenção.

A Sr.^a **Mariana Leitão** (IL): — Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados: Cumprimento-o, Sr. Presidente, e desejo-lhe sucesso para este mandato.

Quero começar por referir que, no primeiro ato desta Legislatura, tanto o Partido Socialista como o partido Chega se uniram num bloqueio ao País,...

Vozes da IL: — Muito bem!

Protestos do Deputado do PS Pedro Nuno Santos.

... que marcou as últimas 24 horas, e provaram, novamente, que não se pode confiar num partido populista e irresponsável que não tem nenhuma solução para o País.

Aplausos da IL.

Quero começar esta que é a minha primeira intervenção na Assembleia da República por saudar todos aqueles que foram eleitos. Carregamos o peso da responsabilidade de representar todos os portugueses, de honrar a confiança que em nós depositaram e de garantir que exercemos o nosso mandato em liberdade, nunca esquecendo o respeito e a dignidade que o nosso lugar e aqueles que representamos nos merecem.

O passado dia 10 de março marcou o fim da hegemonia do Partido Socialista. Há nove anos a governar ininterruptamente, foram as políticas públicas do PS, subscritas, na grande maioria desses nove anos, pelos vários partidos da esquerda, que destruíram os serviços públicos,...

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — Bem lembrado!

A Sr.^a **Mariana Leitão** (IL): — ... que atiraram para a inevitabilidade da emigração um em cada três jovens, que deixaram pessoas e empresas asfixiadas em impostos e em burocracia, que mantiveram os salários baixos e que atiraram pessoas para a pobreza.

Aplausos da IL.

É por isso essencial que se enfrente os próximos anos com um novo modelo de desenvolvimento, assente na liberdade e na economia de mercado, com o qual nos distanciaremos do modelo despesista das últimas décadas, que tem sido sustentado por financiamento público nacional ou europeu, que quis decidir quais seriam os setores e as empresas que venceriam, que regulou em causa própria e que nos tornou num País estagnado e sem ambição.

Um dos principais objetivos da Iniciativa Liberal desde a sua fundação foi o de garantir que o País se desprendia dessas políticas que colocam o Estado no epicentro de tudo, e a forma de garantir mais crescimento económico era implementando este novo modelo de desenvolvimento.

O crescimento económico é a forma mais eficiente de combater o desemprego, os baixos salários e a pobreza, e esse crescimento económico surge com uma economia competitiva, que atrai mais investimento. Não há nada mais social que o crescimento económico.

Aplausos da IL.

Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados, em 2019 entrámos pela primeira vez na Assembleia da República com apenas um representante, João Cotrim Figueiredo, que brilhantemente apresentou nesta Casa as propostas da Iniciativa Liberal para pôr o País a crescer e que defendeu acérrima e corajosamente, em plena pandemia, direitos e liberdades individuais, algo crucial para qualquer liberal e que será sempre uma das nossas principais lutas. Não abdicámos nem abdicamos dessa luta!

Vozes da IL: — Muito bem!

A Sr.^a **Mariana Leitão** (IL): — Não aceitamos condicionamentos dos populistas de direita ou de esquerda, que, ao mesmo tempo que usam a suposta luta por esses direitos e liberdades para pôr todos contra todos, continuam a promover que fiquemos amarrados e dependentes de um Estado controlador e asfixiante que restringe direitos e a nossa liberdade individual.

Aplausos da IL.

Desde 2022, temos um grupo parlamentar que mostrou um caminho alternativo às políticas públicas que têm sido seguidas: um caminho de mais liberdade, de menos dependência e de menos Estado, permitindo que as pessoas subam na vida pelo seu trabalho e sintam que o esforço que fizeram serviu para prosperarem e não apenas para sobreviverem.

Vozes da IL: — Muito bem!

A Sr.^a **Mariana Leitão** (IL): — Foi trilhado um caminho que sabíamos que seria difícil, mas a verdade é que conseguimos marcar a agenda política nacional com as nossas bandeiras, matérias tão importantes para o País e para os portugueses, como o crescimento económico, a redução de impostos, a simplificação e

desburocratização e as alterações necessárias ao nosso sistema eleitoral, para que todos os votos contem. Estas são propostas que continuaremos a apresentar nesta Legislatura.

Aplausos da IL.

Agora que temos um novo ciclo parlamentar e governativo que obriga necessariamente a mais diálogo, a mais abertura, a mais consensos, temos uma oportunidade para que se façam as reformas estruturais de que o País tanto precisa, para que o País seja diferente, com instituições dignificadas, com uma economia pujante e um Estado que não deixa ninguém para trás, com o qual os indivíduos, na sua circunstância, com o seu esforço e o seu talento, tenham, em Portugal, a possibilidade de perseguirem os seus sonhos.

Mudou o Governo; agora, é preciso mudar o País.

Aplausos da IL, de pé.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado André Ventura, do Chega, para uma intervenção.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Deputados: Começo por saudar a sua eleição nesta Casa e agradecer aos portugueses que no dia 10 de março saíram de casa para constituir esta Assembleia da República e que, olhe-se por que ângulo se olhe, escolheram definitivamente mudar de rumo no nosso País. Um enorme obrigado, de coração, a todos, de todo o território nacional, a todos, do nosso território da emigração, porque, pela primeira vez na história de Portugal, há uma bancada que não a do PSD ou a do PS com 50 Deputados nesta Casa. Pela primeira vez!

Aplausos do CH.

Sim, pela primeira vez, pois nem nos tempos mais reacionários de Álvaro Cunhal se conseguiu eleger nesta Casa 50 Deputados. Desta vez, os portugueses saíram mesmo de casa, olharam de frente para os dois partidos que há anos dominam o sistema político, que o amarram e o destroem em corrupção e em pouca lucidez institucional, e disseram que querem uma mudança em Portugal. Querem uma mudança em Portugal!

Aplausos do CH.

Sr. Presidente e Srs. Deputados, se esta sessão marca alguma coisa, é a bandeira que nos deve orgulhar a todos: a 10 de março e hoje acabou o bipartidarismo em Portugal. Portugal tem três grandes partidos nesta Assembleia da República!

Aplausos do CH.

Permita-me, Sr. Presidente, uma referência específica à emigração portuguesa, àqueles que saíram deste País, que não lhes deu as condições que lhes devia ter dado — a eles, aos seus filhos, aos seus pais — para terem o País que Abril lhes prometeu. Saíram e foram lutar pela vida, foram entregar tudo o que tinham e não tinham, foram sem nada e hoje são o nosso orgulho lá fora. Esses homens e mulheres deram a vitória ao Chega fora do território nacional. Foram eles, e é-lhes devido este agradecimento, que permitiram que atrás de mim hoje não esteja Augusto Santos Silva, porque a tirania deve ser sempre afastada desta Casa.

Aplausos do CH, com Deputados de pé.

Por isso, Augusto Santos Silva, onde quer que estejas, eu espero que tenhas compreendido que a tirania, a arrogância...

A Sr.^a **Isabel Alves Moreira** (PS): — «Estejas»?! «Tenhas»?!

A Sr.^a **Joana Lima** (PS): — Respeito! Respeito!

O Sr. **André Ventura** (CH): — ... e, sobretudo, o ataque aos portugueses e aos eleitores têm sempre uma resposta, e a resposta foi a de que foste corrido da Assembleia da República pelos eleitores.

Aplausos do CH.

Mas estes dias deram-nos mais do que isso. Estes dias mostraram bem a essência do regime de Abril: o regime em que dois partidos, há 50 anos, partilham entre si os despojos e a riqueza do poder; dois partidos, há 50 anos, perante qualquer ameaça que sintam, sabem que se reúnem em corredores noturnos para decidir que nenhuma ameaça será tolerada aos lugares, à distribuição desses lugares e à consumação destes lugares.

Vozes do PS: — Tenha vergonha!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sim, Sr. Presidente, a ligação entre o PSD e o PS, a altas horas da noite, mostra bem — e não deixa margem para dúvidas — que se uniram, uma vez mais, com um motivo e com uma razão: distribuírem entre si tachos e lugares, impedindo a mudança que Portugal queria fazer.

Aplausos do CH, de pé.

Sim, estes 50 Deputados foram eleitos com orgulho e mérito próprios, eleitos pelos nossos concidadãos, meu Caro Nuno Melo, sem precisarem de vir à muleta do PSD para a Assembleia da República,...

Aplausos e risos do CH, de pé.

... sem precisarem de vir à boleia do PSD e sem terem um Líder da Iniciativa Liberal que prometia reformar o sistema político e foi o último a entrar no seu próprio distrito, no distrito de Braga.

Aplausos do CH.

São esses que hoje dizem que são a oposição.

Mas hoje ficou claro: Luís Montenegro tomou a sua escolha. Ele sabia que a escolha era uma ou outra:...

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — Queres é tacho!

O Sr. **André Ventura** (CH): — ... ou era fazer uma convergência à direita ou era escolher os parceiros de sempre de viagem para continuar o seu caminho. Hoje, Luís Montenegro escolheu e não teve dúvidas: o caminho é governar com o PS, o caminho é fazer acordos com o PS.

Luís Montenegro, cara a cara te digo: governarás com o PS, porque não contarás com o Chega neste ciclo político...

Aplausos do CH, de pé.

... e, por isso, poderás governar com o Partido Socialista.

O Sr. **Presidente:** — Sr. Deputado, tem de concluir.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Passaram-se 50 anos do 25 de Abril — 50 anos! —, com 50 homens e mulheres representantes deste País real, um por cada ano, um por cada ano que a extrema-esquerda perdeu e que o País reacionário perdeu, um por cada ano, com o relógio a contar para o sistema vir a ser derrotado nas próximas eleições.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, já esgotou o seu minuto de tolerância.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, vou terminar, porque o meu tempo de intervenção está mesmo a acabar, dizendo isto: hoje ficou claro que estão todos, mas mesmo todos, contra nós. E, no final, Sr. Presidente, tenho a certeza de que venceremos. Venceremos!

Aplausos do CH, de pé.

Vozes do CH: — Viva a liberdade! Viva!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, do Partido Socialista, para uma intervenção.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados: Começo por saudar democraticamente V. Ex.^a pela eleição. Permita-me dizer, desde esta bancada, que aquilo que esperamos é que, durante o período do seu mandato, seja um fiel respeitador da Constituição da República Portuguesa e do Regimento da Assembleia da República.

Todas as más políticas, todas as más opções devem ser combatidas, mesmo, Sr. Presidente, que tenham manifestamente mais votos. As más ideias, as más opiniões e aqueles que são antissistema democrático devem continuar a ser combatidos pelos democratas, e é para esse combate que estamos todos convocados.

Aplausos do PS.

Sr. Presidente, permita-me também saudar todos os Deputados eleitos, mas permita-me fazer uma referência ao Deputado Francisco Assis, que, mais uma vez, num serviço à República, se disponibilizou a candidatar-se e, em duas rondas, foi o Deputado mais votado. Nele cumprimento o conjunto dos Deputados da Assembleia da República.

Aplausos do PS.

Sr. Presidente, temos, seguramente, um futuro desafiante à nossa frente. O 25 de Abril celebra 50 anos. São 50 anos de conquistas das liberdades, do desenvolvimento económico e social, do progresso económico e social. A celebração desses 50 anos será este ano, dentro de poucos dias, e esse vínculo democrático é, para nós, particularmente importante.

Devo dizer-lhe, Sr. Presidente, que em democracia ser oposição é tão ou até mais relevante do que ser Governo. O Partido Socialista é oposição programática e política ao Governo de direita que tomará posse na próxima semana,...

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não é nada!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — ... mas o Partido Socialista não é — nem nunca será — oposição ao País ou bloqueio às instituições democráticas.

Aplausos do PS.

O PS é um partido que faz oposição, que lidera a oposição, que não partilha o programa da direita, que não partilha das opções políticas da direita, mas o PS defende sempre as instituições e defende, em particular, o parlamentarismo e esta Casa como uma casa fundamental da democracia portuguesa.

Aplausos do PS.

Por isso, Sr. Presidente, num Hemiciclo onde a palavra é sempre importante, não deixamos de afirmar conscientemente: ao lado dos portugueses, nas circunstâncias mais difíceis dos últimos 50 anos, o Partido Socialista continuará ao seu lado, mas ao seu lado sendo oposição às opções políticas que considera erradas.

Sr. Presidente, durante o dia de ontem ficou evidente aos olhos dos portugueses que a escolha dos 230 Deputados encerra em si mesmo, face à maioria de direita, um quadro de instabilidade. A barafunda, a bagunça que ontem se viveu nesta Assembleia foi para além da democracia: foi o rasgar de um compromisso entre parceiros à direita que levou o Partido Socialista, que estaria disponível, desde logo, para apresentar um candidato, a não fazê-lo num quadro de um acordo que parecia firmado.

É com orgulho que lhe digo, Sr. Presidente, que hoje está aqui como o primeiro entre nós. E aquilo que é importante sublinhar é que é o primeiro entre nós porque um partido responsável faz oposição, mas não faz oposição ao País nem bloqueia uma instituição como a Assembleia da República.

Aplausos do PS.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E os Vice-Presidentes da Assembleia?!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Teremos muito tempo para marcar a divisão clara de águas nas opções políticas, para fazer um combate político democrático e leal às opções da direita.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Mais do que têm feito?

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Não contam connosco é para degradar mais as instituições da República e para degradar a Assembleia da República.

Aplausos do PS.

Sr. Presidente, o Partido Socialista continuará fiel às suas opções programáticas. Os portugueses contam connosco e contarão sempre, na primeira necessidade, com a alternativa democrática, aquela que faz avançar o País — que será, nessa circunstância, sempre, mas sempre, o PS.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente**: — Lembro todos os Srs. Deputados que estão a decorrer as votações até as 17 horas e 15 minutos.

Sr. Deputado Hugo Soares, do Partido Social Democrata, tem a palavra.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.^{as} e Srs. Deputados: A minha primeira palavra, evidentemente, é de saudação a cada uma e a cada um das Sr.^{as} e dos Srs. Deputados que foram eleitos no passado dia 10 de março e que representam o povo português.

Dirijo também uma palavra muito especial de saudação àquele que hoje elegemos, o primeiro entre nós: o Sr. Presidente da Assembleia da República. Além de uma palavra de felicitações e de respeito, há outra palavra que se impõe — uma palavra de boa sorte no desempenho das suas funções, as quais desempenhará, como anunciou, com imparcialidade, equidistância e autoridade, autoridade que emana de todas as bancadas, porque hoje é o Presidente de todas as bancadas parlamentares.

Aplausos do PSD.

Deixo uma palavra de apelo a cada uma das bancadas parlamentares. Que saibamos honrar a confiança do povo português com responsabilidade e sentido de Estado, protegendo o prestígio das instituições, tratando da frágil democracia. É responsabilidade de cada uma e cada um de nós representarmos os nossos eleitores com um objetivo, o de melhorar a vida das pessoas, das pessoas que estão lá fora, dos portugueses que nos elegeram.

Deixo, ainda, uma palavra de compromisso desta bancada que aqui represento, compromisso com a expressão do resultado eleitoral. O resultado eleitoral do passado dia 10 de março disse que o País quer mudar de vida. Esse é o nosso primeiro compromisso, é o compromisso com a mudança.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O segundo compromisso, Sr. Presidente, é com aquilo — permita-me que lhe diga — de que menos se falou hoje: com as pessoas que estão carregadas de impostos; com os alunos que não têm professores na escola;...

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — ... com as pessoas que vão aos hospitais e não sabem se os serviços de urgência estão abertos; com as mães que vão aos serviços de urgência e não sabem se vão ter ou não o serviço de obstetrícia aberto;...

Protestos de Deputados do PS.

... com as forças e os serviços de segurança, que merecem o nosso respeito e a luta pela sua autoridade;...

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos de Deputados do PS.

... com os jovens que se veem obrigados a sair de Portugal porque não encontram aqui as oportunidades que merecem e que nós temos de lhes proporcionar; e com os milhares de portugueses e de portuguesas que não têm habitação ou não têm condições para pagar a sua prestação de crédito à habitação ou a sua renda.

O nosso compromisso, Sr. Presidente, é com os portugueses, com as pessoas concretas, com aquelas a quem pouco lhes diz a trica política, com aquilo que os partidos muitas vezes gostam de expressar nos jogos partidários. O nosso foco, o nosso compromisso, aquilo que aqui quero assegurar em nome da bancada parlamentar do PSD tem uma palavra: são as pessoas, é Portugal.

Aplausos do PSD (de pé) e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente:** — Srs. Deputados, lembro que a votação encerra às 17 horas e 15 minutos. Sugeriria, pois, que suspendêssemos agora os trabalhos até às 17 horas e 30 minutos para que nessa altura possamos anunciar os resultados.

Anuncio também, desde já, que amanhã às 11 horas haverá Conferência de Líderes para podermos tomar as nossas respetivas decisões.

Portanto, a sessão fica suspensa até às 17 horas e 30 minutos.

Eram 17 horas e 7 minutos.

Srs. Deputados, vamos, então, reiniciar os nossos trabalhos.

Eram 18 horas e 9 minutos.

Tem a palavra a Sr.^a Secretária Palmira Maciel para anunciar os resultados do ato eleitoral respeitante à eleição de membros para o Conselho de Administração.

A Sr.^a **Secretária** (Palmira Maciel): — Sr. Presidente, passo a ler a ata:

«Aos vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, procedeu-se à eleição dos membros para o Conselho de Administração da Assembleia da República para a XVI Legislatura, sendo apurados os seguintes resultados:

Votantes — 227

Candidatos propostos — Lista A

Efetivos

Emídio Guerreiro (PSD)

Eurídice Maria de Sousa Pereira (PS)

Pedro Saraiva Gonçalves dos Santos Frazão (CH)

Rui Nuno de Oliveira Garcia da Rocha (IL)

Joana Rodrigues Mortágua (BE)

Manuel Alfredo da Rocha Maia (PCP)

Rui Miguel Marcelino Tavares Pereira (L)

Suplentes

Gonçalo Nuno Raio Valente e Henrique (PSD)

Pedro Manuel Amaro Martins Vaz (PS)

Rui Pedro da Silva Afonso (CH)

Joana Rita Madaleno Cordeiro (IL)

Fabian Filipe Figueiredo (BE)

António Filipe Gaião Rodrigues (PCP)

Paulo Jorge Velez Muacho (L)

O resultado obtido foi o seguinte:

Votos a favor — 210

Votos brancos — 16

Votos nulos — 1

Nos termos legais aplicáveis e face ao resultado obtido, declaram-se eleitos para o Conselho de Administração da Assembleia da República os candidatos propostos.

Para constar se lavrou a presente ata, que vai ser devidamente assinada.

Os Deputados Escrutinadores: *José Cesário — Palmira Maciel.*»

Aplausos do PSD, do PS, do CH, da IL e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Secretário José Cesário para anunciar os resultados do ato eleitoral respeitante à eleição da Mesa.

O Sr. **Secretário** (José Cesário): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, passo a ler a ata:

«Aos 27 dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, procedeu-se à eleição dos Vice-Presidentes, Secretários e Vice-Secretários da Mesa da Assembleia da República para a XVI Legislatura, sendo apurados os seguintes resultados:

Votantes — 227

Vice-Presidentes

Maria Teresa da Silva Morais

A favor — 140

Branco — 86

Nulos — 1

Marcos da Cunha e Lorena Perestrello de Vasconcelos

A favor — 169
Branços — 57
Nulos — 1

Diogo Velez Mouta Pacheco de Amorim
A favor — 129
Branços — 97
Nulos — 1

Rodrigo Miguel Dias Saraiva
A favor — 144
Branços — 82
Nulos — 1

Secretários
Jorge Paulo da Silva Oliveira
A favor — 149
Branços — 77
Nulos — 1

Maria Germana de Sousa Rocha
A favor — 147
Branços — 79
Nulos — 1

Joana Fernanda Ferreira de Lima
A favor — 167
Branços — 59
Nulos — 1

Gabriel Sérgio Mithá Ribeiro
A favor — 130
Branços — 96
Nulos — 1

Vice-Secretários
Sandra Cristina de Sequeiros Pereira
A favor — 146
Branços — 80
Nulos — 1

Susana Alexandra Lopes Correia
A favor — 170
Branços — 56
Nulos — 1

Palmira Maciel Fernandes da Costa
A favor — 170
Branços — 56
Nulos — 1

António Filipe Dias Melo Peixoto

A favor — 129

Branços — 97

Nulos — 1

Nos termos regimentais, declaram-se eleitos: para Vice-Presidentes, os Srs. Deputados Maria Teresa da Silva Moraes, Marcos da Cunha e Lorena Perestrello de Vasconcelos, Diogo Velez Mouta Pacheco de Amorim e Rodrigo Miguel Dias Saraiva; para Secretários, os Srs. Deputados Jorge Paulo da Silva Oliveira, Maria Germana de Sousa Rocha, Joana Fernanda Ferreira de Lima e Gabriel Sérgio Mithá Ribeiro; e, para Vice-Secretários, os Srs. Deputados Sandra Cristina de Sequeiros Pereira, Susana Alexandra Lopes Correia, Palmira Maciel Fernandes da Costa e António Filipe Dias Melo Peixoto.

Para constar se lavrou a presente ata, que vai ser devidamente assinada.

Os Deputados Escrutinadores: *José Cesário — Palmira Maciel.*»

O Sr. **Presidente**: — Felicito todos os eleitos. É meu propósito poder trabalhar com todos da melhor maneira possível para podermos dignificar esta Assembleia. É essa a minha esperança e o meu objetivo.

Aplausos, de pé, do PSD, do CH, da IL e do CDS-PP.

Muito obrigado a todos.

Declaro encerrada a sessão.

Eram 18 horas e 15 minutos.

Presenças e faltas dos Deputados à reunião plenária.

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.